

A CRÔNICA de Rubem Braga

ABRAÇOS

HÁ MUITOS anos atrás, quando o barbarismo "fazer uma promoção" ainda não existia em nossa língua, meu irmão Newton Braga fez uma lá em Cachoeiro de Itapemirim. Convocou as autoridades e os cidadãos presentes para fazer todo ano a festa da cidade, com um programa enorme de inaugurações, exposições, torneios, bailes e festas. E deu um sentido lírico ao "Dia de Cachoeiro", nomeando-o "Dia do Cachoeirense Ausente": o principal homenageado da festa é sempre um cachoeirense que deixou a terra mas não a esqueceu. Ele vai como convidado da cidade, toma parte em tôdas as solenidades e comparece a todos os bailes; há, naturalmente, um banquete e um discurso em praça pública.

A festa principal é no Dia de São Pedro, padroeiro da cidade; muitos cachoeirenses ausentes, uns ilustres, outros humildes, já foram homenageados nesse dia, e eu mesmo enfrentei as emoções e os embaraços dessa festa. Posso até confessar que, se tenho um *smoking*, é porque fui obrigado a comprá-lo para ir ao baile de gala dos Caçadores; a alternativa era o "branco rigor"...

Este ano o "Cachoeirense Ausente" homenageado é Ari Garcia Rosa, excelente figura da moderna arquitetura brasileira, cujo último grande trabalho é o Banco do Brasil de Brasília. Não posso ir na comitiva do Ari, nem sei quem vai; em todo caso duvido que consuma tantos uísques quanto a minha, em que havia "cobras" verdadeiros, que espantaram os consumidores da terra. Mas aqui deixo um abraço para Ari e outro para êle levar para nossos amigos de Cachoeiro.

Este não é cachoeirense, mas merecia ser: Carybé, pintor argentino-brasileiro e italo-carioca, mas sobretudo baiano. Carybé acaba de chegar de Nova York, onde executou dois grandes painéis na nova estação da American Air Lines, no aeroporto de Idlewild. E, de quebra, outro na agência da VARIG. Na Bahia já pintou dezenas de casas, e no dia em que pintar seu primeiro mural no Rio todo mundo vai querer parede de Carybé. Um abraço de chegada no grande baiano.

104